

## **SOBRE AS LETRAS NA TERRA DO BRASIL NO ANTIGO REGIME**

LACHAT, Marcelo; CHAUVIN, Jean Pierre (orgs.). *As Letras na Terra do Brasil: Séculos XVI e XVIII: uma introdução*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2022, 438 pp.

*A boa educação é moeda de ouro, em toda a parte tem valor.*  
Padre Antônio Vieira (1608-1697)

*A educação começa com a poesia, firma-se com a autodisciplina e completa-se com a música.* (Confúcio, 551-479 a.C)

Com o sugestivo nome de *As Letras na Terra do Brasil: Séculos XVI e XVIII: uma introdução* (2022), publicação da Ateliê editora, os organizadores Marcelo Lachat e Jean Pierre Chauvin compõem esta obra em onze partes, com textos “sobre importantes gêneros letrados que circularam na Terra do Brasil entre os séculos XVI e XVIII” (p. 7), conforme os mesmos nos indicam. A simbologia do número mestre remete a aspectos importantes, como a espiritualidade e a humanidade. Neste caso, em onze se dividem as áreas do saber apresentadas, entre elas a poesia épica, a poesia lírica, a poesia satírica, a comédia, a gramática, o gênero epistolar, o sermão, a narrativa alegórica, o gênero histórico, a filosofia moral. Sobre os conceitos de “literatura” e “letras”, os organizadores (também autores) deixam a sua escolha clara e em evidência no título e no capítulo inicial (1. “À guisa de introdução”) “Sobre as Letras na Terra do Brasil: Conceitos e Tempos”. Se por um lado concordo com a historicidade do termo e a maior abrangência que cabe ao conceito Letras (como um conjunto de conhecimentos literários e linguísticos), o século XXI tem trazido consigo outras propostas sobre o conceito de “literatura”, com rótulos novos, assentes na sua regionalidade (“literatura amapaense”, “literatura capixaba”, etc.) ou na sua etnicidade (“literatura indígena”, “literatura afro-brasileira”), totalmente defensáveis, a meu ver, pelas especificidades que apresentam, os seus modos de produção, mas motivo para outras discussões que aqui não cabem. As Letras de que falam os autores são vastas na sua temática, no seu gênero e nas suas propostas. Tomando como matriz os debates pertencentes à História Cul-

tural do século XX, Chartier estabelece a produção literária como uma prática social construída de um modo específico que pode ser apreendido (CHARTIER, 2002, p.16-18). As questões filosóficas, teológicas e políticas que pautavam as Letras, entre os séculos XVI e XVIII foram diferentes daquelas que nos são colocadas hoje. A partir do século XVI, os humanistas, por definição, eram aqueles que acreditavam no valor das “letras humanas” (*litterae humaniores*) dos clássicos gregos e latinos. O termo conserva a marca indelével da sua origem. O conceito de Humanidades já nos remete ao neologismo *humanitas*, pelo qual Varrão e Cícero traduzem o grego *paideia*. A tradição cristã, por sua vez, distingue as *litterae humaniores* das *litterae divinae* ou *sacrae* (CHERVEL; COMPÈRE, 1999, p. 149-150). O ensino das Humanidades coube, em grande parte, às Ordens religiosas, em terras brasis, em particular os Jesuítas. O objetivo era “tornar o homem mais humano, na medida em que lhe proporcionava ser mais educado [...] A ideia era formar o homem pelo desenvolvimento harmonioso de suas faculdades, sendo a linguagem o melhor instrumento [...] (BARRETO; NASCIMENTO; SALES, 2013). No século XVI, os Jesuítas intitulam de Humanidades como os estudos intermediários entre os de Gramática e os de Retórica, definindo cinco cursos: três de Gramática, um de Humanidades e um de Retórica. Conforme a epígrafe de Vieira, a “boa educação”, muito para além dos costumes ou da moral de época, representa um tesouro a ser guardado, um aspecto que não deve (nem pode) deixar de ter valor, ao longo dos tempos.

A partir do segundo capítulo da obra, os assuntos distribuem-se, de forma clara, por temáticas diversas, que abarcam claramente os gêneros literários e as suas produções.

Dos contributos das pesquisas e dos textos dos autores, detenho a minha atenção nos novos paradigmas de análise dos respectivos campos científicos, o que confere à obra originalidade, na sua proposta, no esteio de outras obras organizadas pelos mesmos autores. Um dos propositores da obra, Marcelo Lachat, organizou a obra *Ficção e Memória: Estudos de Poética, Retórica e*

*Literatura* (2017), junto com Natali Fabiana da Costa e Silva. Fora do eixo universitário sul-sudeste, a obra é publicada pela Universidade Federal do Amapá e contém um importante conjunto de textos sobre Poética e Retórica literária, com um painel de autores onde se incluem João Adolfo Hansen, Roger Chartier, Luiz Costa Lima, Marcello Moreira, Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, Suzi Frankl Sperber, entre muitos outros. Esta é uma obra que já problematiza a questão dos gêneros integrados às práticas, e o estudo do estilo seiscentista como “prescritivo” e fundado em “pressupostos miméticos” (HANSEN, 2017, p. 9).

No ano de 2021, Jean Pierre Chauvin organizou, junto com Cleber Felipe, uma obra intitulada *Estudos sobre a Épica Luso-Brasileira (séculos XVI a XVIII)*, prefaciada por João Adolfo Hansen. A obra já nos apresenta um estudo completo sobre o gênero épico, por meio do estudo de poemas dos séculos XVI ao XVIII. As leituras “arqueológicas” dos autores, que Hansen (2021, p. 9) refere na sua introdução, assentes no estudo das preceptivas retóricas, é retomada por Cleber Felipe no capítulo II, dedicado à Poesia Épica e intitulado “Brevíssima Introdução ao Gênero Épico”. Como o próprio indica, o gênero literário não é “algo estanque e composto de regras invioláveis. Mais prudente seria pensá-lo como objeto datado que mobiliza matérias míticas e/ou históricas convenientes e afinadas às circunstâncias de sua confecção” (p. 49). O capítulo discorre sobre o gênero e a produção de obras épicas. Sobre os temas escolhidos, o autor faz um largo estado da arte, ao qual se poderia somar a obra de 2007 de Azanildo Vasconcelos da Silva e Christina Ramalho, *História da Epopeia Brasileira: Teoria, Crítica e Percurso*, por incluir, em torno do épico, outras contribuições, como a semiótica épica do discurso, o épico e o romanesco, as matrizes épicas, etc. Conforme Cleber Felipe (2020, p. 372-377) menciona, noutros trabalhos, o gênero épico tem recebido maior atenção de há algumas décadas a esta parte. Partindo do pressuposto de que as obras clássicas têm maior resistência à leitura, pelo menos na atualidade, este movimento do estudo dos cânones clássicos tem vindo a crescer por meio de publicações como as obras traduzidas de Frederico Lourenço, *Odis-*

seia (2011) e *Iliada* (2013). Em 2014, também a obra *Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo*, organizada por Dominique Santos, marca esta trajetória dos estudos das epopeias clássicas. Outros poemas épicos com menor conhecimento do público são abordados na obra de Leni Ribeiro Leite **Épica II: Ovídio, Lucano e Estácio** (2016). Cleber Felipe traz um contributo robusto à discussão sobre obras épicas, na “brevíssima introdução” a que se propõe.

Destaco outros aspectos que me parecem de assinalável importância, na obra em resenha. No capítulo III, Maria do Socorro Carvalho Fernandes aborda a especificidade da poesia seiscentista, com todos os seus códigos de decoro. Este capítulo é escrito pela única autora (mulher) que compõe o painel dos autores, mas diga-se que muitas outras estudaram (e estudam) as Letras luso-brasileiras dos séculos XVI a XVIII, ou “Antigo Regime” (p. 16; 39; 88 e seguintes capítulos mencionam o termo), e muitas fazem, aliás, parte das bibliografias citadas. Tenho como exemplo, e apenas para citar alguns casos, do lado de cá e de lá do Atlântico, Vanda Anastácio, Maria Micaela Ramon, Vânia Pinheiro Chaves, Margarida Miranda, Carlota Urbano, Adma Muhana, etc. O objeto do capítulo, a lírica seiscentista, também abrange a autoria feminina, a poesia de Sórora Violante do Céu (1601-1693) e Sórora Maria do Céu (1658-1753), entre muitos outros poetas do século XVII. A escassez da produção literária da autoria feminina em Portugal<sup>1</sup>, antes do século XX, faz com que esta menção se torne importante, no global do conjunto de estudos das letras luso-brasileiras abordadas na obra.

Os autores que participam na obra abordam o gênero demonstrativo ou epidítico-aristotélico, tanto no cultivo da sátira, no capítulo IV, habilmente intitulado por Pedro Marques “A Quem Puder Rir: Fontes e Normas da Sátira Luso-Brasileira (Séculos XVII-XVIII)”, como na escrita e pintura de guerra, no capítulo X, de Eduardo Sinkevisque, “Modalidades do Gênero Histórico Seiscentista: Escrita e Pintura de Guerra”. Se a proposição de Confúcio em epígrafe procede, “A educação começa com a poesia, firma-se com a autodisciplina e completa-se com a música”, o autor Wagner

José Maurício Costa aborda o tema no capítulo V, intitulado “O Gênero ‘Comédia Nova’ na América Portuguesa”, quando trabalha com as encenações teatrais na América Portuguesa seiscentista e as letras dramáticas escritas por Botelho de Oliveira, em *Música do Parnaso*, publicado em 1705, obra que reúne, também, poemas líricos amorosos e encomiásticos. O autor Flávio Antônio Fernandes Reis contribui com o estudo do manuscrito *Lyra Sacra*, atribuído ao letrado baiano Manuel Botelho de Oliveira, no capítulo XI, intitulado “Devoção e Filosofia Moral na *Lyra Sacra* de Manuel Botelho de Oliveira”.

No capítulo VI, o tema da “Gramática”, tão caro aos jesuítas, não é esquecido. O autor Marcello Moreira trabalha com “Uma Carta de José de Anchieta como Gênero Misto: Listas Temáticas, Bestiários, Herbários e Dicionários Enciclopédicos nos Séculos XVI e XVII” para tratar o fenômeno da gramatização, prática fundamental nas Letras da América Portuguesa. No capítulo VII, Emerson Tin aborda o gênero epistolar com o tema “Leitura de Cartas: Exercício de Paleontologia”, iniciando as suas reflexões com a instigante pergunta “Como ler uma carta?” (p. 229) e a partir daí discorrendo sobre o gênero epistolar.

Outro aspecto sobejamente abordado na obra organizada diz respeito ao cânone literário. No capítulo VIII, de Marcus De Martini, intitulado “*Semen est Verbum Dei*: Oratória Sacra na Terra do Brasil (Séculos XVI a XVIII)”, o autor mergulha no estudo da oratória sacra, e aborda a produção do padre Antônio Vieira, autor de uma das epígrafes desta resenha. Figura luso-brasileira por excelência, o jesuíta foi, sem dúvida, um dos maiores viajantes de Seiscentos e um autor com obra prolixa. Os gêneros retóricos na homilia e a parenética portuguesa são abordados de forma arqueológica por Marcus De Martini, para usar a expressão de Hansen.

A problemática da classificação das obras a partir do critério gênero vem à tona novamente no capítulo IX, dedicado às “Narrativas Alegóricas de Peregrinação”, da autoria de José Adriano Filho. As narrativas com matérias catequéticas, as metáforas da peregrinação e a ale-

goria são aqui trabalhadas a partir das concepções da moral religiosa pregada pelos jesuítas (p. 298).

Ainda que detendo a minha atenção em aspectos específicos, na composição destes capítulos, considero que todos apresentam um válido contributo na sua área. No conjunto, a obra organizada pelos professores Marcelo Lachat e Jean Pierre Chauvin consegue organicidade e harmonia na proposta. Os autores/as autoras convidados/as a escrever apresentam um estado crítico da arte completo, nos respectivos temas. Ainda que os organizadores considerem a obra, modestamente, *uma introdução*, conforme o subtítulo nos indica, todas as pesquisas apresentadas podem dar azo a outras mais robustas pelo que, enquanto professores e pesquisadores, estamos sempre no processo de escrita de *introduções* que nos sirvam para desenvolver outras etapas teóricas e conceituais das produções científicas. Por último e para concluir a resenha de uma obra cuja leitura profundamente me agradou, gostaria de dizer que, em tempos de cólera e de amplo sucateamento do saber e da educação, a obra publicada vale como um testemunho de resistência dos seus organizadores e autores/as.

## REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, Vanda (org.). *Uma Antologia Improvável – A escrita das Mulheres (Séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do; SALES, Tâmara Regina Reis. Sobre a circulação de livros e a leitura na colônia brasileira. *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofia, Política y Humanidades*, Sevilla, año 15, n. 30, p. 45-61, 2. sem. 2013.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madeleine. As Humanidades no Ensino. *Educação e Pesquisa*. São Paulo: Universidade de São Paulo, vol. 25, n. 2, p. 149-170, 1999.

FELIPE, Cleber Vinicius do Amaral. Epopeia: um gênero multiforme. *Dimensões*, v. 45, jul.-dez., p. 372-377, 2020.

FELIPE, Cleber Vinicius do Amaral; CHAUVIN, Jean Pierre (orgs.). *Estudos sobre a Épica Luso-Brasileira (séculos XVI-XVIII)*. 18.ª ed. São Paulo: Fonte editorial, 2021.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.

HANSEN, João Adolfo. Teatro da Memória: monumento “barroco” e retórica. In: LACHAT, Marcelo; SILVA, Natali Fabiana Costa e (orgs.). *Ficção e Memória: Estudos de Poética, Retórica e Literatura*. Macapá: UNIFAP, 2017, p. 9-32.

HANSEN, João Adolfo. Introdução. Lendo a épica portuguesa e luso-brasileira antiga. In: FELIPE, Cleber Vinicius do Amaral; CHAUVIN, Jean Pierre (orgs.). *Estudos sobre a Épica Luso-Brasileira (séculos XVI-XVIII)*. 18.ª ed. São Paulo: Fonte editorial, 2021, p. 9-20.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia, 2013.

LACHAT, Marcelo; SILVA, Natali Fabiana Costa e (orgs.). *Ficção e Memória: Estudos de Poética, Retórica e Literatura*. Macapá: UNIFAP, 2017.

LEITE, Leni Ribeiro. *Épica II: Ovídio, Lucano e Estácio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

SANTOS, Dominique (org.). *Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo*. Blumeneau: EDIFURB, 2014.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da; RAMALHO, Christina. *História da Epopeia Brasileira*. 3 vols. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

## NOTAS

- Embora a “escassez” de textos escritos por mulheres seja notável, sublinho que há textos efetivamente assinados por mulheres, na cultura letrada, conforme nos assinala Vanda Anastácio na sua obra *Uma Antologia Improvável – A escrita das Mulheres (Séculos XVI a XVIII)*.

## O AUTOR

**Fernanda Santos** é Doutora em Letras (UFES) e Doutora em História (UFSC). Professora Adjunta no Colegiado de Letras/Campus Santana, na Universidade Federal do Amapá. Docente no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET/UNIFAP) e no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UNIFAP). ORCID:0000000164056773.  
E-mail: fernanda.santos@unifap.br